

Narrativas estudantis de universitários da modalidade de ensino a distância de Oeiras/pi (2009-2021).

Thiago Reisdorfer¹

Carlos Daniel Alves Leal²

Resumo: Esta pesquisa tem por objetivo problematizar historicamente narrativas de estudantes do sistema da Universidade Aberta do Brasil- UAB de Oeiras, Piauí, por meio de memórias e de identidades, dentro do recorte temporal de 2009 a 2021. Dialogamos com referencial teórico e metodológico da História Oral que nos permitiu perceber permanências, rupturas e readaptações das memórias de estudantes através das análises das entrevistas. Desse modo, a problemática desta investigação foi pensar experiências, identidades e sociabilidades estudantis através de narrativas e memórias desses universitários na modalidade de EAD. Para isso, compreendemos esse problema em torno da ideia da intersubjetividade, dentro da discussão do campo historiográfico da História do Tempo Presente. Compreendendo dessa forma, as diferentes vivências e experiências desses estudantes neste espaço, foi possível perceber a constiuição de fronteiras fluídas entre o mundo “virtual” e o “real”, para construção de suas sociabilidades e identidades.

Palavras-chave: Estudantes universitários. Universidade Aberta do Brasil. Ensino a Distância. Município de Oeiras-PI

Abstract: This research aims to historically problematize narratives of students of the Universidade Aberta do Brasil - UAB in Oeiras, Piauí, through memories and identities, within the time frame from 2009 to 2021. We dialogue with the theoretical and methodological framework of Oral History that allowed us to perceive continuities, ruptures and readaptation of students' memories through the analyzes of the interviews. The problem of this investigation was to think about student experiences, identities and sociability through narratives and memories of these university students in the distance learning modality. For this, we understand this problem around the idea of intersubjectivity, within the discussion of the historiographical field of the History of the Present Time. Understanding in this way, the different experiences of these students in this space, it was possible to perceive the constitution of fluid borders between the “virtual” and the “real” world, for the construction of their sociability and identities.

Keywords: University students. Universidade Aberta do Brasil. Distance learning.

Narratives of distance learning university students in Oeiras/pi (2009-2021).

¹Doutor em História (UDESC). Professor do Curso de História da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Campus Possidônio Queiroz, Oeiras – PI. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4038-3811>. E-mail: thiagoreisdorfer@ors.uespi.br

² Graduado em Licenciatura Plena em História. Professor da rede municipal de educação da cidade de Oeiras-PI. E-mail: danielleal0599@gmail.com

1.0 Introdução

A questão central desse artigo é pensar identidades e sociabilidades de estudantes do sistema da Universidade Aberta do Brasil (UAB) da cidade de Oeiras/PI entre os anos de 2009, primeiro processo de seleção de estudantes, até 2021, momento da realização de nossas entrevistas. Para isso, contemplamos essa discussão a partir dos referenciais teóricos com os suportes dos conceitos de memória e identidades. Enquanto aporte teórico metodológico contamos com contribuições do campo da História Oral.

Pensamos nos estudantes universitários da UAB – Polo de Oeiras, problematizando suas identidades e sociabilidades através desta específica condição de universitários. Para tanto, dialogamos com algumas discussões teóricas. Primeiramente, o trabalho de Coulon (2008) que propõe analisar as vivências de estudantes da Universidade de Paris-8 no ingresso na vida intelectual, em especial, sua hipótese de que a experiência universitária é marcada por um processo de aprendizado do que denomina de “ofício estudantil”. Já pensando no contexto brasileiro, temos o trabalho de Reisdorfer (2018) onde o mesmo propõe discutir as ressignificações identitárias dos estudantes estrangeiros da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Importa destacar que, diferentemente destes autores que dialogam com a condição de estudantes universitários do ensino presencial, nesta pesquisa nosso olhar se voltará para os estudantes do ensino universitário a distância, grupo social sobre o qual ainda carecemos de estudos.

Nossa discussão dialoga constantemente com a experiência de estudante universitário. Partimos, em diálogo com Coulon de que, para tanto, é necessário compreender o seu “ofício”, ou seja, compreender o códigos da vida intelectual como as regras do saber, do comportamento, da sociabilidade estudantil. É nessa organização da vida universitária que poderemos ver os tensionamentos no ingresso e na construção de identidades na comunidade da universidade (COULON, 2008). Para além dessa questão é importante destacarmos que a experiência universitária não se dá de maneira descolada dos contextos sociais experimentados pelos estudantes (REISDORFER, 2018). O aprendizado do “ofício estudantil” é realizado em diálogo com outras vivências sociais dentro e fora dos muros virtuais da EAD. É nesse conjunto de relações e historicidades que as identidades estudantis serão constituídas.

Outro ponto que é necessário abordar é que os sujeitos históricos desta pesquisa pertencem ao sistema da Universidade Aberta do Brasil- UAB, uma instituição que oferta o ensino superior pela modalidade Educação a Distância. Em 2020, a UAB estava presente em

850 municípios brasileiros com 133 intuições de ensino superior credenciadas e com 121 mil estudantes matriculados. No estado do Piauí, temos em 2020, 50 polos espalhados pelas regiões do estado. A oferta na cidade de Oeiras se inicia em 2009. Em 2020, o Piauí era o estado com maior número percentual de matrículas em acesso ao ensino superior em relação aos estados da região do Nordeste³. E isso está diretamente ligado também com a oferta de números de vagas através da educação a distância num processo de interiorização da educação superior. Observando os dados do mapa da educação superior divulgado pelo Instituto Semesp⁴ vemos em 2019 um aumento de 29,6%⁵ em números de matrículas no ensino superior EAD, em relação ao ano anterior. Há, ainda, aumento significativo das matrículas EAD no âmbito privado, abaixo vemos um panorama desse aumento entre os anos de 2009 a 2019, realizada pelo Censo da Educação Superior de 2019⁶:

Tabela 1: Crescimento do número de matriculados em Ensino Superior modalidade EAD.

	2009	2011	2013	2015	2017	2019
Matrícula na rede privada	665.429	815.003	999.019	1.265.359	1.591.410	2.292.607
Matrícula na rede pública	73.186	87.241	83.605	72.058	101.395	81.189

Fonte: Números extraídos de estudo do Instituto Semesp.

Para a organização de nossa discussão estruturamos esse texto em alguns momentos dialógicos. No primeiro momento enfatizamos os referenciais teóricos e metodológicos que balizaram essa pesquisa, posteriormente partiremos para uma historicização do nosso objeto; em seguida apresentamos as análises das entrevistas⁷ em dois momentos centrais: 1) *sociabilidades estudantis* - pensamos as relações e as dinâmicas intersubjetivas desses estudantes; 2) *o estudante universitário na EAD: as construções das suas identidades estudantis* - no qual abordamos o entendimento do que é ser estudante focando nas suas condições socioeconômicas e as suas relações com seus grupos sociais.

Inserimos nossa discussão no campo historiográfico da História do Tempo Presente.

³ Disponível em: <https://www.pi.gov.br/noticias/piaui-e-o-1o-do-nordeste-em-acesso-ao-ensino-superior/> acesso 18 de julho de 2021.

⁴ Associação representativa de instituições de ensino superior do Brasil.

⁵ Disponível em: <https://www.semsp.org.br/mapa-do-ensino-superior/edicao-11/> acesso em 02 de outubro de 2021.

⁶ Disponível em:

https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2020/Apresentacao_Censo_da_Educacao_Superior_2019.pdf Acesso 03 de setembro de 2021

⁷ Todos os nomes dos estudantes são pseudônimo, para garantir a privacidade dos mesmos.

Este campo historiográfico trouxe contribuições para investigar vivências e experiências contemporâneas ao historiador. Para pensarmos essas contribuições dialogamos com François Dosse (2012) que nos propõe a problematizar sobre como o presente é construído no tempo e, como pode ser problematizado, a partir da presença e das contribuições de “testemunhas”. Para isso uma “importante singularidade da História do tempo presente é a importância de testemunhas em sua construção, ainda mais se definirmos os limites dessa história como tendo que coincidir com a presença de seus atores, isto é, com a duração da vida humana” (DOSSE, 2012, p.11). O reconhecimento do valor historiográfico das testemunhas atribuídas neste campo, forneceu um conjunto de possibilidades de análises dos eventos e das temporalidades em que os sujeitos estão inseridos. Essa possibilidade teórica e metodológica permitiu pensar os estudantes enquanto testemunhas e sujeitos da experiência universitária em EAD. Para tanto, dialogamos com os conceitos de memórias e identidades que sustentarão o desenvolvimento das análises das entrevistas orais discutidas adiante.

Em primeiro lugar, buscamos aqui contemplar o conceito de identidades. Dialogamos com as perspectivas de Stuart Hall (1996), Joel Candau (2019) e também com a contribuição de Michael Pollak (1992). Através destes diálogos buscamos compreender as narrativas de estudantes numa perspectiva histórica, enquanto um processo contínuo de (re)construção intersubjetiva. Hall e Candau propõem pensar identidades a partir de perspectivas não essencializadas, ou seja, observar que as identidades se transformam ao longo do tempo. Além disso, apontam que as identidades são fragmentadas e sofrem transformações a partir do lugar histórico que o sujeito ocupa. Compartilhamos este caminho a fim de olhar para o objeto dessa pesquisa e perceber como as construções identitárias de estudantes universitários da EAD se processam a partir de nosso objeto e historicidade.

Hall e Candau apontam ainda o caráter contextual e de sociabilidades que demarcam as construções identitárias. Hall (1996) problematiza que identidades nunca são únicas e/ou completas, e sempre são construídas a partir do seu lugar histórico, social e das práticas dos sujeitos. Com as narrativas de estudantes sobre suas vivências será possível perceber essas movimentações diacrônicas. Candau (2019) por exemplo, observa que essas construções das identidades são movimentadas através da intersubjetividade dos próprios indivíduos (ou grupos) no qual serão mobilizadas por meio de sua socialização. Em nosso caso essa perspectiva assume um lugar específico e interessante. Estamos abordando um grupo que tem como caráter central uma ferramenta de estudo universitário em EAD. Veremos, na análise de nossas fontes, como instrumentos de comunicação virtual serão mobilizados para a

constituição de sociabilidades e identidades.

A partir de nossa escolha de fontes a análise das identidades estão diretamente ligadas com a necessidade de problematização da memória. No processo de constituição de identidades é importante compreender o papel da memória que constitui sentimentos de unidade e coerência ao discurso. Pollak (1992), nos alerta que essas memórias também são valores disputados para a construção das identidades, tendo em vista que essas disputas não são construídas individualmente, mas sempre com uma tensão com outros grupos sociais: “Se é possível o confronto entre a memória individual e a memória dos outros, isso mostra que a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos” (POLLAK, 1992, p.5). Nesse sentido, esses tensionamentos com o outro permitem observar as dinâmicas intersubjetivas (PASSERINI, 2011) com os determinados grupos sociais, seja nas relações com os próprios estudantes EAD e/ou com os demais membros da sociedade.

Para realizarmos análises dessas memórias e identidades foi necessário nos apoiarmos na metodologia da História Oral. Para tanto, dialogamos, principalmente com contribuições de Alberti (2005) e de Portelli (1997). Este diálogo permitiu perceber as permanências, rupturas e as readaptações das memórias dos estudantes através das análises das entrevistas. Essas entrevistas não podem ser tomadas apenas como uma memória depositária dos eventos, “mas também um processo ativo de criação de significações. [...] estas modificações revelam o esforço dos narradores em sentido no passado e dar forma às suas vidas, e colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico”. (PORTELLI, 1997, p. 33). Neste caso, é preciso analisar as entrevistas de acordo com a sua temporalidade, buscando compreender assim os fatos narrados a fim de construir um conhecimento histórico.

Em nosso caso, selecionamos 6 estudantes que fizeram/fazem parte do ensino universitário a distância do sistema UAB, da cidade de Oeiras. Tanto os estudantes que pertencem ao Centro de Educação a Distância da Universidade Federal do Piauí (CEAD/UFPI) quanto estudantes do Núcleo de Educação a Distância da Universidade Estadual do Piauí (NEAD/UESPI), dentro do recorte temporal de 2009 a 2021. Para localizá-los pesquisamos as listas de classificação dos vestibulares da UAB – Oeiras. Posteriormente foi feita uma busca ativa, com a contribuição da coordenação do Polo “Professor Possidônio Queiroz”, além do apoio das redes sociais (Facebook /Instagram), para iniciar o processo de comunicação e verificar a possibilidade da realização das entrevistas.

Para a realização das entrevistas, foi elaborado um roteiro geral e flexível com

questionamentos acerca da temática, a fim de garantir a unidade das demais entrevistas, sendo que também elaboramos perguntas sobre a vida deles para permitir historicizá-los. Em virtude da pandemia e respeitando os protocolos de saúde da Organização Mundial da Saúde (OMS), realizamos todas as entrevistas através da plataforma do Google Meet, para dar uma maior segurança aos entrevistados. Coletamos um total de seis entrevistas no primeiro e no segundo semestre de 2021.

2.0 Trilhando pela História da Educação a Distância.

Antes de adentrarmos na discussão de nossa problemática, é preciso compreender e situar a contextualização histórica da EAD. É necessário desmistificar a noção comum de que o desenvolvimento da educação a distância é um processo recente. Inicialmente, mecanismos de educação a distância foram desenvolvidos no final do século XVIII “avançando progressivamente a partir de meados do século XIX em vários países como Alemanha e Austrália” (VIEIRA, 2018, p. 43) através de cursos por correspondências. Para compreender a transformação dessa modalidade educacional ao longo do tempo, Vieira (2018) nos traz um esboço conceitual de cinco gerações de desenvolvimento da EAD, de forma que essas gerações construíram a EAD ao longo do tempo. A primeira surgiu por volta de 1880 através de estudos por correspondência; a segunda se utiliza de meios de comunicação mais modernos como a televisão e o rádio na década de 1920. Já nas décadas de 1960 a 1970 surgem os estudos por meio da universidades abertas que nos anos 1980 passam a utilizar estudos por video conferências. Por fim, chegamos ao formato *online* a partir da disseminação da *internet* nos anos 1990.

Em relação a nosso objeto que carrega diferentes especificidades, o debate em torno da criação de uma universidade aberta no Brasil que oferecesse ensino a distância passaria por um longo processo de projetos de leis, sendo concretizado em 2006. Para tanto, foi necessário a criação de legislação específica que regulamentasse essa modalidade de educação com a presença de uma metodologia, gestão, um corpo técnico e administrativo qualificado específico. Somente com aprovação da atual Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB) nº 9394/96 no seu artigo 80 em que houve o reconhecimento e o incentivo da educação a distância como uma modalidade de ensino:

Art. 80. O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada.

§ 1º A educação à distância, organizada com abertura e regime especiais, será

oferecida por instituições especificamente credenciadas pela União (BRASIL,1996)

Um ponto central nesse debate foi a criação de consórcios entre as próprias universidades, como foi o caso da associação Universidade em Rede (UniREDE):

[...]reuniu setenta instituições de educação superior públicas (federais e estaduais) dispostas “fazer educação a distância[...]a criação dessa imensa rede de instituições universitárias deu suporte a uma discussão e a ensaios importantes para o desenvolvimento da EAD nas instituições públicas. (COSTA, 2010, p. 69-70)

Esse consórcio permitiu um diálogo posterior junto com a Secretaria de Educação a Distância (SEED), significando um passo decisivo para a criação da Universidade Aberta do Brasil. Formalizada somente em 2006 “com a finalidade de expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior no país mediante a oferta de cursos e programas a distância por instituições públicas de Ensino Superior” (COSTA, 2010, p.75). Mas é importante ressaltar que, naquele momento, não foi constituída uma nova universidade:

[...], mas a articulação de Instituições públicas de ensino superior existentes, sob a coordenação do MEC, com o objetivo de levar ensino superior de qualidade aos municípios brasileiros que não possuem cursos de formação superior ou cujos cursos ofertados não são suficientes para atender a todos os cidadãos brasileiros. (VIEIRA, 2008, p. 61-62)

Uma das características da criação desta nova possibilidade de ensino, particularmente das universidades e/ou cursos superior à distância é a necessidade de estruturação de mecanismos presenciais de apoio ao ensino/aprendizado. Diferentemente de outras experiências históricas focadas, especialmente, no ensino técnico, no ensino universitário a distância deve contar com “polos” de apoio presenciais. As estruturas, dimensões, gestões e funcionamento destes espaços é absolutamente diverso e, em muitos casos, problemático. Em nosso caso, o polo de apoio presencial na legislação que regulamenta a UAB é projetado como o braço operacional para articulação das demandas didáticas e administrativas dos cursos ofertados pela UAB. Neste caso, deve ser, idealmente, o lugar de contato dos estudantes com os encontros presenciais; local de acesso aos seus respectivos tutores que devem auxiliar as demandas dos estudantes; além de contar com bibliotecas e laboratórios de informática. Assim, essa unidade operacional é pensada como uma ponte para o desenvolvimento da educação EAD da UAB. Contudo, é importante ressaltar que nesses polos existem diferentes limites para o atendimento pedagógico e administrativo, pois recursos para o funcionamento como infraestrutura adequada, internet, laboratório de informática, e bibliotecas, por exemplo, vão variar bastante de acordo com o contexto institucional local.

Outro ponto a ressaltar é que a UAB é efeito do processo político do neoliberalismo iniciado nos anos de 1990 quando a universidade foi englobada num processo como uma categoria não exclusiva do Estado, e os seus serviços deveriam ser prestados também pelo setor privado e o setor público não-estatal. O que resultou neste caso uma nova visualização da universidade brasileira sendo “acompanhado um movimento mais amplo de financeirização da economia e, conseqüentemente, de mercantilização da educação “ (MARINS e SANTOS, 2018, p.14).

Observando toda essa complexidade do ensino superior EAD em especial da construção da UAB, direcionamos, brevemente, nossa abordagem para uma contextualização do ensino superior no Piauí. De acordo com Silva (2015), o Piauí só veio a possuir o ensino superior a partir da década de 1930 com a implantação da faculdade de direito, parte do projeto modernizador do governo Vargas. O curso era um desejo da elite intelectual do estado em formar pessoas aptas a ocupar cargos políticos através do curso de direito. Posteriormente outras faculdades surgiram, como a Faculdade Católica de Filosofia do Piauí (FAFI) na década de 1950, com objetivo central na formação de professores para o ensino secundário. Ao longo do tempo, a FAFI criou condições favoráveis para o desenvolvimento da Universidade Federal do Piauí (UFPI) em 1968, e em meados de 1980 também fosse criado a Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

Olhando para essa pequena narrativa da historicidade do ensino superior no estado do Piauí, vemos que o processo da concretização de universidades é um processo recente. No entanto, com a chegada da UAB, que chega em 2009 em Oeiras, houve uma maior abertura no número de vagas para os estudantes ingressarem no ensino público superior, com um projeto de interiorização estaria idealizado nos objetivos centrais da UAB, o que não necessariamente veio acompanhado com qualidade toda essa expansão.

Hoje temos no Estado do Piauí o Centro de Educação a Distância e Aberta – CEAD pela UFPI, instituído em 2006 para ofertar cursos a distância. Já na UESPI, há o Núcleo de Educação a Distância- NEAD idealizado e criado em 2008. Em 2020, temos mais de 10 mil estudantes⁸ que participam dessa modalidade. De acordo com seu site oficial em 2021 o CEAD⁹ conta com a presença em 48 municípios e com a oferta de 15 cursos de graduação. Já o NEAD oferece 07 cursos de graduação em 35 polos cadastrados.¹⁰

⁸ Disponível em: <https://www.seduc.pi.gov.br/noticia/UAB-lanca-Edital-que-permite-ingresso-por-notas-do-Enem/7883/> acesso em 06 de agosto de 2021.

⁹ Disponível em: <http://cead.ufpi.br/index.php/historico> acesso: 10 de julho de 2021

¹⁰ Disponível em: <https://nead.uespi.br/historia> acesso: 10 de julho de 2021

Na cidade de Oeiras, nosso recorte geográfico, temos presencialmente a UESPI instituída oficialmente no ano de 2000, além de contar também com o Instituto Federal de Ciência e Tecnologia-IFPI, para desenvolver cursos técnicos/superior. Somente em 2009 iniciou as atividades superiores a distância ofertando pela UAB nesta região, “com a oferta dos cursos de Licenciatura em Filosofia e Química, pela UFPI, e Licenciatura em Letras/Espanhol pela UESPI. Em 2010 foi ofertado o curso de Bacharelado em Administração Pública” (DIAS, 2019, p.72). Em 2015 o polo de apoio presencial “Professor Possidônio Queiroz” ganhou reformas para atender estudantes, com criação de laboratório, salas e banheiros¹¹.

3.0 Sociabilidades estudantis na EAD

Apesar de muitas vezes a experiência universitária ser naturalizada, Coulon (2008) destaca que o ingresso em uma universidade implica um tempo do estranhamento e da aprendizagem, para compreender o que ele chama de “ofício do estudante”. “Aprender o ofício de estudantes significa que é necessário aprender a se tornar um deles para não ser eliminado ou auto eliminar-se, por que se continuou como um estrangeiro nesse mundo novo [...] como toda passagem, ela precisa de uma iniciação” (COULON, 2008, p.31). E nessa passagem que buscaremos aqui observar como são construídas as identidades de estudantes da EAD, e ver como são edificadas as suas redes de sociabilidade dentro desse ambiente virtual. É importante lembrar que entendemos aqui o conceito de sociabilidade na perspectiva de Maia (2001) utilizado por Simmel: “A sociabilidade, mais que uma mera categoria de interação social, oferece um frutífero ponto de partida para se examinar a dinâmica da experiência vivida e seus modos sociais de organização”, (MAIA, 2001, p.04).

Faz-se necessário problematizar que:

A entrada em uma universidade impõe ao jovem uma mudança radical em sua rotina. O cotidiano das escolas de ensino médio diverge marcadamente do cotidiano. Além das mudanças no contexto educacional, o estudante ainda precisa lidar com as transições que são típicas da juventude. Para Coulon (2008), tornar-se um estudante universitário é aprender um ofício, mesmo que seja temporário, para não fracassar no percurso acadêmico. (CARNEIRO e SAMPAIO, 2011, p.53)

E é nesse ambiente novo que esses estudantes irão passar por um período de novas experiências e transformações nas suas relações, um estranhamento de início: “E essas novas

¹¹ Disponível em: <https://www.seduc.pi.gov.br/noticia/Governador-inaugura-polo-da-Universidade-Aberta-em-Oeiras/2885/> acesso em 10 de julho de 2021.

experiências podem causar transformações na subjetividade e nas identidades dos indivíduos. A participação em espaços sociais diversos pode ser incorporada aos jogos identitários dos sujeitos de diferentes formas” (REISDORFER, 2018, p.244). Novas experiências desde sua inscrição, a chegada na secretaria do campus, o encontro da sua nova sala e os primeiros períodos longos e estranhos, são comumente dos universitários que ali vão estar fisicamente nos corredores da universidade. Assim, a historicidade da UAB que viemos apresentando, é tensionada pela concretude das experiências estudantis que ali foram mobilizadas. O projeto, as estruturas, as dinâmicas foram, e continuarão sendo, atualizadas no tensionamento de suas intencionalidades legais e pedagógicas com as expectativas e vivências estudantis. E quando direcionamos nosso olhar para os estudantes da EAD cujas narrativas tomamos aqui como fonte de análise, notamos estranhamentos, tensionamentos estes constroem no cotidiano da EAD. Uma das primeiras dimensões, expressa teoricamente no trabalho de Coulon, é a dimensão de novidade que a universidade, presencial ou, em nosso caso, em EAD apresenta. Vejamos Priscila¹², abordando o assunto:

No início a gente é tudo novo, a gente não sabe nada exatamente como funciona, é tudo assim mais difícil. Com o tempo a gente vai sabendo o passo a passo sem estar consultando colegas ou outras pessoas, e no início a gente sempre ficava se perguntando: Será se vai ter professor? Quais dias será que o tutor vai estar disponível para tirar nossas dúvidas que a gente vai ter? Será se eu vou conseguir aprender? Então era sempre essas dúvidas que a gente fazia. (PRISCILA, 2021)

Olhando para essa narrativa vemos que uma das preocupações logo no início está no fato que esses estudantes da EAD não sabem como seus estudos irão funcionar. Além de estarem nesse ambiente novo que é a universidade, estarão em ambiente virtual provocando rupturas e continuidades com a sua temporalidade, como as questões de ensino e aprendizagem, tradicionalmente marcada, pela figura física do professor que construíram ao longo das suas jornadas escolares. Lembramos que temporalidade digital é diferente da sala física, isso traz, potencialmente, benefícios mas traz também incertezas pois não tem uma rotina “confiável”, ou um ambiente de sala de aula subjetivamente reconhecível. Mas, além disso, nas memórias desses estudantes em relação a essa nova experiência estranha, relatam que no início, uma das principais dificuldades está no acesso à tecnologia. Como relata Anastácia¹³:

¹² Tinha 22 anos, ingressou na UAB em 2017, moradora da Zona rural - Chapadas das Contendas, município de Oeiras, não possuía nenhum vínculo com o ensino superior, residindo dois anos na cidade de Oeiras. No ato da entrevista já havia concluído, mas não tinha feito a colação de grau..

¹³ Estudante de Letras Espanhol, formada em 2013, ingressou em 2009 pelo NEAD-UESPI, tinha 33 anos no ato da entrevista. Essa entrevista teve uma duração de 1h14min.

O primeiro ano foi o mais difícil, porque como eu falei a dificuldade era tecnológica, sem saber utilizar nada aquelas tecnologias, em não ter o contato com o celular, com o computador até de como ligar, então essa foi a dificuldade (ANASTÁCIA, 2021).

Nesse argumento utilizado por essa estudante, notamos suas dificuldades com o acesso aos meios que darão a ela a possibilidade de estudar um ensino superior EAD, no caso os aparelhos tecnológicos, pois no seu cotidiano não há o contato constante com estes recursos tecnológicos. Isso tornou-se, conforme vemos em sua narrativa, um empecilho para o seu início da jornada universitária em EAD.

Dificuldades também poderão ser percebidas através da narrativa da estudante Priscila. Moradora da zona rural, não teve condições financeiras para possuir um celular ou um computador durante sua trajetória de vida antes de ingressar no curso. Isso gerou problemas na adaptação ao ingressar na universidade pela modalidade EAD. Mas diferente de Anastácia que ingressou em 2009, Priscila possuiu uma experiência com um curso formador para instruir-se dos conceitos básicos de informática: um curso baseado no “*caminhão digital*”. Um caminhão equipado com um mini laboratório de informática que ministrava cursos iniciais itinerantes para discentes da UAB. “Este curso de apenas um mês foi essencial para que eu me desenvolvesse bem, porque eu não sabia mexer” (PRISCILA, 2021). É necessário entender que esses estudantes aqui pesquisados são frutos também de um déficit existente no estado do Piauí em acesso aos aparelhos tecnológicos e internet, por exemplo. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2019 o Piauí é o estado brasileiro que menos acessa a internet¹⁴, revelando a situação socioeconômica que esses estudantes passam antes e durante a sua graduação.

Olhando para essas memórias desses estudantes, é importante problematizar esse contexto social e econômico que estão inseridos, e compreender quais serão as estratégias que os mesmos utilizaram para se adaptar ao longo da sua jornada na universidade EAD. As construções das redes de sociabilidades entre os estudantes dentro desse sistema foi um ponto de partida para observar as dinâmicas intersubjetivas e os seus modos de organização com os outros estudantes da EAD. Partiremos de nossa análise para um caminho perceptível nas entrevistas em que narram que a construção dessas possíveis redes de interação sociais ocorrerá de maneira virtual. Este elemento será fundamental para que possamos complexificar suas subjetividades e seus tensionamentos para a construção das suas identidades. E é nessa trilha que notamos as mudanças de tempo do estranhamento para aprendizagem, como foi

¹⁴ Disponível em: <https://www.portalodia.com/noticias/piaui/piaui-e-o-estado-onde-menos-se-acessa-a-internet-no-brasil-376634.html> acesso: 25 de outubro de 2021.

ressaltado anteriormente.

3.1. Da plataforma aos encontros presenciais

O primeiro ponto que trataremos é a questão da “plataforma”. As memórias narrativas dos estudantes aqui pesquisados abordam essa experiência com esse novo ambiente universitário. As duas plataformas utilizadas pelos estudantes desta pesquisa correspondem ao SIGAA¹⁵ (UFPI/CEAD) ou a Moodle¹⁶(UESPI/NEAD), sendo nesses ambientes que os discentes começam seus passos para a caminhada na sua graduação. Nas memórias dos estudantes, nos primeiros períodos passam por dificuldades semelhantes, principalmente no processo de aprendizado e na complexidade em entender como funciona o sistema da universidade EAD. Por exemplo, observamos na narrativa do estudante Marcos que ingressou em 2015 esse primeiro contato:

No início eu tive um pouco de dificuldades, como era que a gente ia baixar o material, conhecer os professores, disciplinas, envio de atividades, notas, tudo essa questão de sistema. Esse primeiro período foi essencial para a gente se adequar ao sistema, quando a gente conseguiu ficar mais tranquilo. (MARCOS, 2021)

Observemos que com o uso desse “sistema” que corresponde ao uso da plataforma no primeiro período do seu curso, existe um estranhamento, como por exemplo, acessar os materiais disponíveis naquele ambiente. Sobre o acesso a plataforma, é possível que haja alguma orientação presencial antes do seu acesso inicial. Isso se confirma com a narrativa da estudante Anastácia: “No primeiro dia de aula teve um nivelamento[...] esse nivelamento não é um curso, mas como se fosse uma formação[...] para a gente ter a prática de saber como entrar, de como buscar, de como ver onde estavam os fóruns” (ANASTÁCIA, 2021). Existindo uma breve e precária formação presencial antes que inicie esse procedimento na plataforma, mas nas memórias vemos que essas formações são diferentes para cada estudante “Quando a gente inicia é até disponibilizado um vídeo orientando, mas coisa mínima, [...] a gente diz que o professor de matemática só aprende fazendo, a gente aprende com a prática, então ali na plataforma a gente aprendia fazendo” (PRISCILA, 2021). Portanto nesse período de estranhamento com a plataforma não necessariamente há um compartilhamento de experiências coletivas, eles podem ter passado pela mesma coisa sendo de grupos distintos e

¹⁵ Sistema integrado de Gestão de atividades Acadêmicas

¹⁶ A plataforma Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment,, (Ambiente de Aprendizado Modular Orientado ao Objeto) popularmente conhecido como Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Para saber mais sobre essa plataforma acesse: Disponível em <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/10/o-que-e-moodle-conheca-a-plataforma-de-ensino-a-distancia.ghtml> acesso em 04 de outubro de 2021.

de forma individualizada.

É nesse ambiente virtual que começamos aqui o segundo tempo relatado por Coulon: o da aprendizagem. Ou seja um período de adaptação progressiva. É nesse espaço que problematizamos outras relações humanas, interações sociais e tensionamentos para as construções das sociabilidades estudantis. De acordo com as narrativas, na plataforma vemos uma dificuldade nessa interação:

Às vezes a gente mandava uma mensagem, às vezes nem lia e nem nada. Mais tarde quando a gente criou o grupo do Facebook foi que ficou melhor para se comunicar ou então SMS, ou ligação, mas nada de interação muito [...] Ali [na plataforma] não era lugar para ficar mandando “Fulano como tu está? Fulano respondeu à atividade tal?” Não, isso não! Então a interação ou era nos grupos presenciais quando tinha os encontros ou por SMS. (ANASTÁCIA, 2021)

O uso da plataforma institucional tinha como objetivo desenvolver as demandas burocráticas que a EAD implica, como fóruns, arquivos de leituras, e envios de atividades. Nesta narrativa da estudante que ingressou em 2009, as suas comunicações entre estudantes, suas sociabilidades, se estruturavam principalmente mensagens de SMS e grupos de Facebook. Estes espaços não institucionais, facilitaram a construção das sociabilidades mobilizadas nos encontros nos polos. Importa contextualizar que Anastácia ingressou na universidade quando o Facebook tornou-se uma das principais ferramentas para comunicação em 2009.

Ao longo do nosso recorte temporal, vemos que as narrativas também evidenciaram alterações para a comunicação e a estruturação de sociabilidades, principalmente devido ao surgimento de novas redes sociais. No caso um importante elemento aglutinador entre a plataforma e os encontros presenciais está na criação dos grupos de WhatsApp a partir de 2009:

Através da plataforma foi por onde a gente teve o primeiro contato, a gente trocou o número de WhatsApp. Aí a partir disso a gente passou o grupo de WhatsApp para tirar as dúvidas. Fomos criando uma relação, fomos nos apresentando um aos outros e quando a gente chegou no primeiro contato na sala de aula presencial a gente era tipo conhecido, já tinha construído uma relação. (PRISCILA, 2021)

Na plataforma institucional foi possível realizar via chat trocas de mensagens entre os estudantes para realizar as trocas de números de telefones para facilitar essa comunicação e interação. Em grupos de WhatsApp iniciaram um círculo de trocas e dinâmicas sociais, um ponto de partida para a construção de redes de sociabilidades universitárias que readaptaram seus jogos identitários individuais além das relações/tensionamentos das suas subjetividades com os seus colegas de turmas “a gente era tipo conhecido, já tinha construído uma relação”.

E isso será um passo importante para a chegada dos encontros presenciais que o sistema da UAB oferecia.

As narrativas permitem perceber que, apesar de ser uma experiência universitária caracterizada no EAD, foi nos encontros presenciais o momento da concretização de sociabilidades construídas por meios virtuais. Como foi dito nas páginas anteriores, há existência de uma formação antes que inicie as atividades no ambiente virtual, mas nesses encontros presenciais a cada oito dias vemos as dinâmicas desses estudantes:

Os encontros, eles eram a princípio se eu não me engano de oito em oito dias, nas sextas-feiras. Então, quando os professores vinham, eles sempre buscavam muitas dinâmicas, tentando deixar a aula muito interativa [...]. Então nesse período, os professores sempre buscavam realmente fazer muitas atividades interativas, e que isso é muito bom, porque atrai o aluno para a aula. E não deixa “ah! Aquele somente ensino a distância”, aquela questão só de plataforma, mas de ter um elo maior com os profissionais. (CAROLINE, 2021)

Essas construções das redes de sociabilidade dos próprios estudantes com os seus colegas, tutores e professores no polo de apoio presencial criam interações/ tensionamentos que ultrapassam a experiência virtual. A experiência nesse ambiente físico proporciona as trocas intersubjetivas e dinâmicas individuais com os demais estudantes da EAD.

Mas não podemos esquecer que uma dessas experiências dos estudantes aqui analisados está numa fragmentação e uma readaptação dessa sociabilidade no caso dos encontros presenciais. Em virtude do contexto pandêmico da COVID-19 na qual a estudante Angélica, que ingressou em 2020, por exemplo, passa a não ter esse contato com os encontros presenciais.

Por conta da pandemia, nós não tivemos nenhum encontro presencial [...] A dificuldade que tem...[pequena pausa]. É por que tem algumas matérias que o conteúdo é complexo, e a gente procura tirar uma dúvida com professor e não consegue o contato[risos], então se torna então difícil, tonar bem... a falta de comunicação e falta de diálogo Mas a gente sabe sobressair, por que brasileiro sempre dá um jeitinho[risos] (ANGÉLICA,2021)

A estudante apresenta dificuldades de aprendizados não relatados da mesma forma por outros discentes. A ausência de encontros periódicos presenciais modificou suas relações sociais e seu aprendizado em comparação com os demais estudantes pesquisados aqui. Mesmo para estudantes em modalidade EAD é perceptível as dificuldades educacionais geradas no contexto pandêmico. Angélica observa que as dificuldades com a falta de diálogo tornam-se ainda mais complicadas, e neste caso vemos que a comunicação assíncrona traz. A ausência de docente ou tutoria em sala ou, pelo menos, síncrona, dificulta a comunicação e, como vemos, pode invisibilizar dificuldades de aprendizado discente.

4.0 O estudante universitário na EAD: as construções das suas identidades estudantis

As construções das redes de sociabilidade de estudantes da EAD analisados até aqui perpassam por esses caminhos, alterando suas experiências e dinâmicas ao longo do tempo, passando de um estranhamento à aprendizagem. Neste último momento da análise trabalharemos o último tempo que Coulon (2008) nos traz: o tempo da afiliação¹⁷. Ou seja, quando o estudante já domina minimamente as regras desse ambiente e consegue fazer as suas interpretações e transgredi-las. É nesse tempo que observamos a consolidação das suas identidades na condição de estudantes universitários da EAD. Neste caso, para que se aprenda esse ofício de estudante é necessário dominar as ferramentas e as suas regras existentes dentro do ambiente universitário. E a partir disso, observamos o que representou para esses sujeitos analisados aqui esse ofício de estudante da EAD. De acordo com estudante Priscilla:

Ser um estudante do ensino a distância foi descobrir maneiras de aprender, foi ver a oportunidade, agarrar as oportunidades que eu tinha. Porque vamos dizer assim, por ser da zona rural, eu tinha menos oportunidades de quem estava na cidade. Então eu vi no curso a distância a oportunidade de aprender e de dar continuidade aos meus estudos. Por que eu acredito que o sonho de todos os jovens ou vamos dizer a maioria de todos os jovens é se ter uma fonte de renda e ser independente né! (PRISCILA, 2021)

Ao narrar sua percepção sobre a condição do ofício de estudante em modalidade EAD, Priscila articula sua fala dizendo que “foi descobrir maneiras de aprender”, ou seja, foi necessário a construção do tempo da aprendizagem a partir das especificidades da EAD. Para que se construa esse processo de ensino/aprendizagem foi necessário fazer o uso da plataforma e os encontros presenciais no polo de apoio. É importante ressaltar que não é somente o estudante da EAD que precisa “descobrir novas maneiras”, afinal tanto a universidade presencial quanto EAD traz novas linguagens, demandas e formas de estudar. Priscila continua sua narrativa dizendo que devido a sua condição de moradora da zona rural teria menos oportunidades de quem estaria no ambiente citadino. Acrescenta que a não existência de um ambiente universitário na sua região natal no interior de Oeiras, dificultaria seu acesso à universidade. Mas é importante lembrar que por ser estudante da UAB, a mesma conseguiria permanecer em sua localidade, e quando chegasse o dia dos encontros presenciais poderia se deslocar até o polo, por conta da flexibilidade que esse sistema possui.

¹⁷ E neste processo de afiliação “promove uma descoberta de interpretação que estavam invisíveis para o estudante; afiliados parecem não reconhecer mais sua cegueira inicial, ou a menos, não se incomoda da mesma forma com os primeiros troços” (CARNEIRO e SAMPAIO, 2011, p 65).

Na narrativa de Priscila é ressaltado sua condição de jovem que, segundo ela, deseja ir para a universidade para conseguir ter uma fonte de renda e ser independente é ressaltada. Mas é necessário que possamos compreender esse seu argumento sob duas visões: primeiro, entendemos os jovens como um sujeito social como afirma Dayrell (2003). É nessa condição que a jovem estudante Priscila se insere: como sujeito que dá significado a sua própria história. Numa segunda questão, ressaltamos que o seu objetivo em ser estudante da UAB é conseguir ter essa independência financeira. Esses dois argumentos foram incorporados na sua narrativa que sustentam uma visão de necessidade de curso superior para a melhoria da qualidade de vida.

Nessa mesma linha de pensamento, foi possível identificar na narrativa do estudante Marcos¹⁸ esse mesmo compartilhamento de memória, ao abordar essa relação em ser estudante da EAD para se profissionalizar:

É como eu sempre falo, a gente sempre busca meios de se adequar no mercado de trabalho. Por que hoje em dia se não tiver um curso, ou algum empreendimento que você ali quer buscar para se profissionalizar você não vai ficar visível no mercado de trabalho. E universitário para mim é isso cara, buscar novos e novos conhecimentos, é questão mesmo de se adequar os estudos para se profissionalizar (MARCOS, 2021)

Vemos neste caso que a motivação de Marcos que ingressou em 2015, em ser um estudante universitário seria justamente ser um estudante que se adapta às exigências que o mercado de trabalho faz, e para conseguir tal adequação a EAD foi o meio que o fez se profissionalizar. Neste caso, a relação entre ser um estudante da EAD para se profissionalizar para o mercado de trabalho, é uma das estratégias que a política neoliberal impregnou, como foi ressaltado anteriormente, na questão da empregabilidade. “Os estudantes que, possivelmente, estabelecem uma relação linear entre formação acadêmica e melhoria nas condições de vida, voltados muitas vezes, ao objetivo da empregabilidade” (MARINS e SANTOS, 2018, p. 22). Uma expansão em números de ofertas em matrículas, para que em um horizonte próximo, as empresas tenham mão de obra qualificada para atender tais exigências.

Nesse cenário as identidades desses estudantes da EAD são readaptadas. Destacamos neste ofício de estudante da EAD uma narrativa de valorização de uma autonomia¹⁹, que é

¹⁸ Estudante de 24 anos começou sua graduação em 2015 residindo em Oeiras fazendo o curso de Bacharelado em Administração Pública, no momento da entrevista já havia formado. Esta entrevista teve uma duração de 36min 36s.

¹⁹ Entendemos aqui o conceito de autonomia de acordo com Gottardi quando o indivíduo “tem capacidade de administrar e gerenciar seus compromissos e atividades; quando alunos estabelecem ação interativa com materiais didáticos e metodologias de ensino, estimulados por ações pedagógicas de professores-tutores que atuam como instigadores cognitivos oportunizando aprendizagem colaborativa” (GOTTARDI, 2015, p.113)

entendida pelos discentes como otimização de tempo e dinâmicas para estudar:

A gente precisa ter uma organização com o tempo, a gente precisa ter foco. Se eu estou estudando e tenho o material aqui e estou na frente do computador, tenho o material para ser consultado, mas eu tenho Netflix que eu possa assistir, preciso ter foco, preciso ter uma determinação. Um aluno que precisa saber lidar com o tempo, saber dividir e também acredito que ele é um pouco professor (ANGÉLICA, 2021)

A estudante Angélica, ao narrar sua concepção de ser uma estudante da EAD, mobilizou essa autonomia como um dos pilares para que o estudante consiga filiar-se. Neste caso, essa autonomia está ligada com a sua responsabilidade de uma otimização de tempo que a estudante necessita, seja para conciliar as demandas dos estudos e/ou separar atividades de cunho privado. Além disso, quando a mesma ressalta que “ele é um pouco professor” lembramos que o sistema da UAB funciona através da demanda de que o estudante deverá saber lidar com essa autonomia, para não ser eliminado ou prejudicado neste processo. Vemos que nessa autonomia neste ambiente virtual de aprendizagem os estudantes vão ter que desenvolver essa habilidade de “determinar seu ritmo, de acessar o conteúdo quando e quantas vezes forem necessárias na busca da compreensão [...] Para apoiar a construção desse novo exercício de autonomia em EAD” (GOTTARDI, 2015, p.113). Essa habilidade será fundamental para a permanência desses estudantes ao longo do curso. Por exemplo, a estudante Caroline narra memória semelhante com a Angélica:

É esse aluno que tem sua autonomia de ir buscar, de ir atrás, de ver os materiais que foi postado na plataforma e realmente ir atrás, buscar e entender. Porque é muito fácil somente em ir no Google ir responder as atividades que eles disponibilizam e não ter essa audácia, essa vaidade de ir buscar. Mas é o que torna diferencial do aluno da EAD para outro, é realmente isso, não se contentar com pesquisas rápidas da Internet, mas pegar os materiais de qualidade e ler e buscar entender realmente. (CAROLINE, 2021)

Neste caso, vemos que é nesse sentido que a estudante engloba sua memória através de uma representação de um sujeito que seja capaz de administrar essa autonomia que a UAB oferta, e é nesse ritmo que a estudante pode percorrer sua trajetória dentro desse ambiente. Mas a estudante destaca que essa autonomia por exemplo, exige alguns critérios neste caso, em “não se contentar com pesquisas rápidas na internet”, e isso é, para ela, um ponto central para que possamos entender esse ofício do estudante da EAD, no qual este precisa saber lidar com essa autonomia nas tarefas particulares como foi ressaltado pela estudante Angélica, ou também saber como estudar, como foi dito por Caroline. É nesse sentido que notamos a construção de suas identidades, o estudante precisa dominar essas ferramentas para a filiar-se, como foi dito por Coulon (2008). Uma dessas ferramentas está nessa autonomia desses

sujeitos, o que marca um fronteira simbólica²⁰ de separação com outros estudantes. Essa zona de separação que a estudante fala, poderá ser com os próprios sujeitos dessa modalidade, como também estudantes de outras modalidades, o que marcará dessa forma a fronteira para definir esse ofício de estudante moldando assim suas identidades.

Portanto os elementos apresentados nesta seção permitem que possamos olhar para a experiência estudantil em modalidade EAD não como um fenômeno monolítico, mas sendo parte dos fenômenos históricos específicos de cada indivíduo, mesmo que partindo de memórias compartilhadas. Compreendemos dessa maneira seus múltiplos significados construídos diacronicamente, seja pelos seus diferentes momentos sociais e tecnológicos que estes estudantes vivenciaram a EAD, ou nos seus tensionamentos intersubjetivos com outros estudantes/comunidade.

5.0 Considerações finais:

Ao longo dessas narrativas observamos as construções da experiência estudantil, suas sociabilidades e identidades a partir da ideia da intersubjetividade, conceito este apresentado por Passerini (2011). Logo, é necessário que consigamos compreender esse termo, para que possamos consolidar a finalização de nossa proposta. Para a autora :

A consideração da memória narrativa de que trato como uma forma de subjetividade [...] implica necessariamente a intersubjetividade, já que a memória narrativa de que trato se só constitui como diálogo, como troca entre sujeitos diferentes. Por consequência, a dimensão na qual essa memória se situa compreende sempre de dois polos: um individual e um coletivo, que integram e se influencia mutuamente (PASSERINI, 2011, p.7)

Neste caso a intersubjetividade foi constituída através das memórias narrativas entre os diálogos dos diferentes sujeitos. A relação entre o individual e o coletivo é o ponto de partida a partir do qual pensamos as articulações e readaptações de memórias para a construção de identidades. Passerini, neste caso, contribui para nosso olhar e a percepção de que a formação das memórias compartilhadas e como elas se constituem diacronicamente.

O presente estudo buscou apresentar experiências estudantis, suas sociabilidades e as construções de identidades de universitários do Ensino a Distância da Universidade Aberta do Brasil Polo “Professor Possidônio Queiroz” entre os anos de 2009-2021. Neste trabalho,

²⁰ Entendemos aqui o conceito de fronteira simbólica na perspectiva de Caldas “Fronteiras simbólicas são construções discursivas, erigidas por meio de afirmações, contra afirmações, acusações e defesas, de atores em conflitos pelo significado das ações identidades. São comumente feitas caracterizações de si e dos grupos antagonicos sob influência de determinados contextos históricos e socioeconômicos” (CALDAS, 2011, p.49)

foram abordadas as principais ideias a respeito do ofício de estudante da EAD a partir das narrativas desses sujeitos históricos em sua temporalidade diacrônica. Desse modo, observamos nessa pesquisa toda uma trajetória percorrida por esses estudantes antes e durante o seu ingresso na universidade EAD, buscando dessa forma pensar articulações e readaptações em suas narrativas a fim de compreender suas identidades.

Ao colocar como opção metodológica as entrevistas com esses estudantes, foi possível compreender as lógicas das suas relações a partir de uma visão mais densa do processo. No decorrer desse trabalho foram analisadas historicamente seis narrativas, o que permitiu ver que as identidades como estudantes universitários da EAD são construídas a partir de suas relações intersubjetivas, seja elas com os seus colegas de turma ou com outros estudantes/comunidade como foi ressaltado nos itens anteriores.

As vivências desses estudantes neste espaço, dimensionaram os limites existentes entre o mundo “virtual” e o “presencial” da Universidade Aberta, na construção de suas identidades, seja pela plataforma e/ou nos encontros presenciais. Dessa forma, foi possível falar numa experiência universitária não monolítica, permitindo construir a compreensão dessas vivências no percurso universitário na modalidade EAD, pensando no seu caráter transformador ao longo do tempo histórico.

Problematizamos essas experiências e identidades a partir de suas construções sociais com o outro, esforçando-nos para compreender os seus compartilhamentos de experiências e as suas práticas históricas dentro desse ambiente universitário a distância. Dessa forma, esse ofício de estudante universitário na modalidades EAD necessitou de um esforço maior para compreender as suas identidades à luz da historiografia. Pensamos ter contribuído para compreender experiências e identidades desses estudantes da Universidade Aberta do Brasil sem essencializações do que seria uma experiência universitária idealizada. Partimos da concretude da experiência de estudantes universitários da modalidade em EAD que hoje compõem um número expressivo de estudantes em todo o país e, portanto, necessitam ser estudados.

Pensamos que esta pesquisa pode servir de convite para o enriquecimento acadêmico científico, visto que experiências e identidades estudantis, em especial de estudantes em modalidades EAD, são um campo pouco explorado pela historiografia. Quando direcionamos nosso olhar para tal temática observamos uma ampla discussão voltada principalmente para a educação a distância nas questões de ensino e aprendizagem. Mas ao dialogarmos com esses sujeitos históricos, observamos a partir da bibliografia levantada uma dificuldade em acessá-

los, o que dificultou por exemplo a construção desta investigação. Dificuldade esta que precisa ser trabalhada para que possamos melhor compreender estes jovens como estudantes e sujeitos históricos.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de História oral**. 3º ed.- Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- BRASIL. LDB – **Lei de Diretrizes e Bases da Educacional**. Lei 9394/96.
- CANDAU, Joel. Memória e identidade. In: **O jogo social da memória e da identidade (1): transmitir, receber**. 1º ed, São Paulo: contexto, 2019.
- CARVALHO et al. Educação superior pública no Rio Grande do Norte: expansão e interiorização. **R. bras. Planej. Desen.** Curitiba, v. 7, n. 2, p. 241-263, mai. /ago, 2018.
- COSTA, Maria Luisa Furlan. **Políticas públicas para o ensino superior a distância e a implementação do sistema Universidade Aberta do Brasil no estado do Paraná**. In: O processo histórico de implementação do sistema Universidade Aberta Do Brasil (Uab). Tese (Educação) Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista. Araraquara-SP, 2010. doi: <http://dx.doi.org/10.5016/DT000610627>
- COULON, Alain; **A condição de estudante: a entrada na vida universitária**. 2. ed. salvador: EDUFBA, 2008. p. 1-276.
- DIAS, Elizangela Batista. **Ensino superior em instituições públicas do Estado do Piauí: expansão e interiorização no Território Vale do Canindé**. 2009. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Pública) do Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública da Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI ,2019
- DOSSE, François. História do Tempo Presente e historiografia. **Tempo e Argumento**. Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 5 – 22, jan. /Jun. 2012 DOI: 10.5965/2175180304012012005.
- FILHO, Naomar de Almeida; CARNEIRO, Ava da Silva Carvalho; SAMPAIO, Sônia Maria Rocha. **A vida universitária como objeto de pesquisa e o campus universitário como etnopaisagem; Estudantes de Origem Popular e afiliação institucional**. In: SAMPAIO, SMR. org. Observatório da vida estudantil: primeiros estudos. Salvador: EDUFBA, 2011.
- GOTTARDI, Mônica de Lourdes. A autonomia na aprendizagem em educação a distância: competência a ser desenvolvida pelo aluno. **Associação Brasileira de educação a distância**. Volume 14 – 2015, p. 109- 12.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Editora Vozes, pp. 103-133, [1996] 2000.
- DAYRELL, Juarez. O Jovem como sujeito social. **Rev. Brasileira de Educação**. (24). Dez, 2003.
- MAIA, Rousiley C.M. Sociabilidade: apenas um conceito? **Revista de comunicação social**,

n 53, 2001.

MARINS, Guilherme Afonso Monteiro de Barros; SANTOS, Fabiano Antonio dos. Internacionalização da educação superior como processo de manutenção hegemônica: A Universidade Aberta Do Brasil e o processo de Bolonha. **Revista Olh@res**, v. 6, n. 2 – Guarulhos, novembro 2018.

PASSERINI, Luísa. **A Memória entre Política e Emoção**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

POLLAK, M. Memória e identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

PORTELLI, Alexandre. O que faz a história oral diferente. **Proj. História**, São Paulo, 14 de fevereiro 1997.

REISDORFER, Thiago. **UNIVERSIDADE E INTERCULTURALIDADE: Resignificações identitárias de estudantes da Universidade Federal da Integração Latino Americana 2008-2017**. Tese. (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, 2018.

SANTOS, Fabiano Cunha dos. **UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL: Limites e possibilidades para a democratização do ensino superior na Bahia**. Dissertação de Mestrado pelo PPGEDUC (Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade) Salvador, Bahia 2011.

VIEIRA, Márcia de Freitas. **A Gestão de EaD no contexto dos Polos de Apoio Presencial: Proximidades e diferenças entre a Universidade Aberta do Brasil e as Instituições universitárias privadas**. In: introdução; enquadramento teórico. TESE (Educação) 2018.

FONTES

Entrevistas:

ANASTÁCIA. **Entrevista concedida a Carlos Daniel Alves Leal**. Via Google meet, 20 de agosto de 2021.

ANGÉLICA. **Entrevista concedida a Carlos Daniel Alves Leal**. Via Google meet, 24 de fevereiro de 2021.

CAROLINE. **Entrevista concedida a Carlos Daniel Alves Leal**. Via Google meet, 02 de março de 2021.

PRISCILA. **Entrevista concedida a Carlos Daniel Alves Leal**. Via Google meet, 21 de abril de 2021.

Enviado: 08 de janeiro de 2023

Aprovado: 07 de junho de 2023